CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO COMPORTAMENTO

Maria Carolina Rocha Penteado Gonçalves

UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE OPERAÇÕES EMOCIONAIS REPRESENTADAS NO FILME "TRÊS ANÚNCIOS PARA UM CRIME"

São Paulo

2018

MARIA CAROLINA ROCHA PENTEADO GONÇALVES

UMA ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE OPERAÇÕES EMOCIONAIS REPRESENTADAS NO FILME "TRÊS ANÚNCIOS PARA UM CRIME"

Projeto de monografia apresentado ao CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DO COMPORTAMENTO, como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Qualificação Avançada em Clínica Analítico Comportamental.

Orientadora: Profª. Drª. Clarissa Moreira Pereira.

São Paulo

2018

Resumo

O presente trabalho consiste na análise de operações emocionais identificadas no filme “Três anúncios para um crime”. Para possibilitar o desenvolvimento de uma análise prática, fez-se necessária uma elaboração teórica acerca dos elementos fundamentais constitutivos da operação emocional tal como descrita pela Análise do Comportamento. O interesse pelo trabalho com emoções surgiu em grande parte por conta das diversas críticas que a Análise do Comportamento recebe sobre o tema, resumidas na problemática de que ela não se ocupa do manejo das emoções em sua prática clínica. A fim de elucidar essa e tantas outras questões relacionadas ao tema foi feita uma reconstituição do caminho percorrido desde o início dos estudos sobre variáveis motivadoras por Jack Michael na década de 1980, passando pela descrição das diferentes categorias de operações motivadoras e de suas diferentes funções, o que acabou por ocasionar mudanças na terminologia adotada para referir-se a essas variáveis ao longo dos anos até que se estipulasse o uso do termo operações motivadoras para todos os eventos com função alteradora de valor do reforçador ou do punidor e função alteradora de comportamento, e chegando à descrição de operações emocionais como um tipo particular de operações motivadoras. As operações emocionais representadas no filme e que foram analisadas deveriam ser parte de cenas que se encaixassem em critérios de seleção determinados, sendo o principal foco em contingências de controle aversivo agindo como operações motivadoras e produzindo respostas emocionais específicas desse tipo de controle.

Palavras-chave: operações motivadoras; operações emocionais; análise do comportamento; controle aversivo.

Abstract

The present paper consists on the analysis of emotional operations identified on the movie "Three billboard outside Ebbing, Missouri". In order to allow the development of a practical analysis, a theoretical elaboration of the fundamental elements of the emotional operation described by the Behavior Analysis was necessary. The interest for working with emotions started mainly because of the many critics received by the Behavior Analysis about that subject, which can be summarized by the argument that it does not pay attention to emotions at the clinical context. In order to enlighten this and other relevant issues about that subject, there was a reconstitution of the road taken since the study of motivational variables started with Jack Michael in the 80s, going from the description of the different categories of motivating operations – establishing and abolishing operations – and their different functions, what ended up bringing changes to the terminology used to refer to those variables through the years until the use of the term motivating operations was determined for every event with value altering and behavior altering functions, to the description of emotional operations as a particular kind of motivating operations. The emotional operations represented on the movie and that were analysed were supposed to be part of scenes that would fit determined selection criteria, being the main focus on aversive control contingencies acting as motivating operations and producing specific emotional responses compatible with this kind of control.

Keywords: motivating operations; emotional operations; behavior analysis; aversive control.

Sumário

1 Introdução 1
1.1 Justificativa 11
1.2 Objetivo 12
1.3 Método 13
1.3.1 Material 13
1.3.2 Critérios de seleção das cenas 13
1.3.3 Procedimentos de coleta e análise 14
1.4 Previsão de análise 14
Referências 16
Apêndice A – Resumo do filme 17

1 Introdução

Corre pelo senso comum, tanto dentro quanto fora das ciências psicológicas, a ideia de que a análise do comportamento não se ocupa da investigação e, portanto, do manejo clínico das emoções. Para sustentar tal posicionamento, é possível encontrar argumentos como: a falta de preocupação da abordagem com a psique humana, considerada uma entidade componente do dualismo mente/corpo do ser humano; a justificativa de que a análise de emoções não deveria ser feita da mesma forma que a análise de comportamentos manifestos, exatamente por pertencerem a essa natureza metafísica distinta; e a condição da emoção como causa do comportamento, admitindo que ela deva ser alterada para que o comportamento também se altere.

Sério (1999) considera que o behaviorismo radical tirou a psicologia e, por consequência, os psicólogos de certa zona de conforto ao se distanciar da proposta vigente que buscava causas internas e abstratas para o comportamento dos indivíduos e sugerir a busca por causas nas relações comportamentais entre organismo e ambiente: "Aqui está, talvez, a marca fundamental da proposta behaviorista radical para a psicologia e, em minha opinião, a principal fonte de resistência a esta proposta. Atuar sobre os determinantes significa atuar sobre essas inter-relações e não sobre os indivíduos que, como um todo, já são produto delas" (p. 73).

As críticas ao behaviorismo são tantas que Skinner dedica um livro inteiro essencialmente para esclarecê-las, dando vida à obra "Sobre o Behaviorismo", de 1974. Já na introdução, ele aponta vinte críticas comuns feitas à análise do comportamento e sugere os possíveis motivos que as sustentam – como, por exemplo, a maneira como foi apesentado o manifesto behaviorista de Watson, em 1913, e as mudanças que ocorreram nas ciências do comportamento desde então:

> "Mais de sessenta anos se passaram desde que Watson publicou seu manifesto e muita coisa ocorreu nesse período. A análise científica do comportamento tem feito progressos dramáticos, e as deficiências da apresentação de Watson são agora, creio eu, principalmente de interesse histórico. Contudo, a crítica não mudou muito." (p. 10).

A primeira crítica da lista de Skinner é a seguinte: "O Behaviorismo ignora a consciência, os sentimentos e os estados mentais" (p. 7), o que indica a importância atribuída a esses fenômenos e a valorização das ciências que deles se ocupam. Entretanto, comparações entre a análise do comportamento e outras abordagens da psicologia, como a psicanálise de

Freud, não são de grande valor quando não são levadas em consideração as diferentes concepções de sujeito e a grande diferença entre as definições teóricas de sentimentos e emoções adotadas por cada uma, ou seja, os importantes aspectos que definem a maneira como elas orientam suas análises. Matos (1999) argumenta que tal distinção entre as abordagens se dá porque a psicologia como ciência "não possui uma unidade conceitual (e, consequentemente, não possui também uma unidade metodológica)" (p. 46).

Segundo os pressupostos filosóficos do behaviorismo radical, que dão o embasamento para a produção teórica da abordagem e norteiam suas práticas, o ser humano não deve ser entendido como uma composição dualista entre corpo material, de âmbito físico, e mente abstrata, de âmbito metafísico. Não é válido atribuir ao próprio indivíduo as causas do seu comportamento, como sugerido pela proposta mentalista de ser humano, limitando-se à inacessibilidade dessas causas e desconsiderando o papel fundamental do ambiente como variável de controle. "Em sua busca de uma explicação interna, sustentado por um falso senso causal associado a sentimentos e a observações introspectivas, o mentalismo deixou no escuro os antecedentes ambientais, os quais teriam levado a uma análise muito mais efetiva" (Skinner, 1974/2010, p. 142).

É necessário ater-se às interações entre indivíduo e meio externo para que seja possível analisar o comportamento e identificar suas variáveis de controle, uma vez que o comportamento descreve um tipo de relação em que o indivíduo age sobre o meio, modificando-o, e é também modificado por ele. "As consequências do comportamento podem retroagir sobre o organismo. Quando isto acontece, podem alterar a probabilidade de o comportamento ocorrer novamente" (Skinner, 1953/2003, p. 65). Mas o indivíduo também pode ser seu próprio ambiente em ocasiões nas quais a interação com o meio produz efeitos privados, ou seja, que ocorrem dentro da sua pele de maneira respondente (estímulos reflexos) ou operante (estímulos verbais, por exemplo). Sobre essas variáveis corpóreas, Skinner afirma que "para quase todos os fins práticos, só são alteradas através do meio" (1974/2010, p. 178). Em última instância, portanto, se faz necessária a volta ao ambiente externo na relação com os eventos privados, sem que se faça pouco do importante papel desses eventos em uma análise do comportamento.

No contexto da análise de eventos privados, há dificuldade de acesso, mas isso não significa que (1) seja impossível acessá-las, (2) que elas sejam de qualquer outra natureza além da material e (3) que o comportamento encoberto não seja regido pelas mesmas leis

comportamentais que regem qualquer outro tipo de comportamento e necessite de alguma forma especial de análise.

> "Não há nada errado em uma explicação interior, como tal, mas os eventos que se localizam no interior de um sistema tendem a ser difíceis de observar. Por esta razão, é fácil conferir-lhes propriedades sem justificação. Pior ainda, é possível inventar-se causa desta espécie sem medo de contradição." (Skinner, 1953/2003, p. 28).

Algumas respostas reflexas são exemplos de variáveis encobertas, às quais apenas o próprio indivíduo que se comporta tem acesso e que podem exercer controle sobre seu comportamento. Não é possível observar a aceleração dos batimentos cardíacos ou a movimentação das glândulas sudoríparas de uma pessoa, mas ela pode sentir os efeitos dessas alterações em seu corpo e dizer que está ansiosa, se retirar do ambiente onde começou a se sentir dessa forma, ou ainda descrever para um amigo o que está sentindo – "meu coração está disparado, estou suando frio".

Da mesma forma, pensamentos também são exemplos de variáveis encobertas. A diferença é que eles são respostas operantes, podendo ser verbais ou não. Um exemplo de pensamento como operante verbal pode ser o seguinte: uma pessoa começa a sentir muita dor de cabeça e, com isso, pensa "devo tomar um remédio para me sentir melhor". As ações públicas de sair para comprar o remédio e em seguida tomá-lo foram antecedidas pelo pensamento, que foi um evento encoberto, por sua vez antecedido pela dor em si, também encoberta. Ainda assim, é importante destacar que a própria noção de estar sentindo dor, assim descrita pela pessoa no exemplo em questão, foi construída por meio de variáveis externas. Isso porque ela faz parte de uma comunidade verbal que a ensinou como identificar a dor via estímulos que eram acessíveis a eles, ou seja, de âmbito público, ainda que a sensação de dor fosse de âmbito privado. Tal destaque é significativo no que diz respeito às variáveis passíveis de manipulação no ambiente da clínica e à abrangência do efeito que essa manipulação externa pode causar tanto pública quanto encobertamente.

Skinner sugere pela primeira vez o caminho a se seguir no estudo das emoções quando faz uma comparação com a motivação: "Mas a emoção, assim definida, como o *drive*, não deve ser identificada com condições psíquicas ou fisiológicas" (1953/2003, p. 178). O termo "*drive*" é designado por Skinner para fenômenos do campo da motivação. Desse modo, entende-se que Skinner identifica semelhanças em ambos os mecanismos que possivelmente se estendem ao modo como afetam o comportamento do indivíduo. Tal suspeita é logo confirmada quando ele afirma categoricamente que "os campos da motivação e da emoção estão muito próximos. Na verdade, podem se superpor" (1953/2010, p. 181).

Jack Michael inicia a proposta de estudo sobre as variáveis motivadoras na análise do comportamento na década de 1980, com seu texto intitulado "Diferenciando funções discriminativas e motivadoras de estímulos" (*tradução nossa*)[1]. Como o título sugere, Michael oferece uma distinção entre variáveis antecedentes de funções similares – os estímulos discriminativos e as operações estabelecedoras, que são eventos ambientais que aumentam momentaneamente o valor reforçador/punidor de estímulos e a probabilidade de ocorrência de respostas que os produzem. Ambos envolvem um aumento momentâneo na emissão de respostas que já tenham sido reforçadas no passado por determinada consequência, mas o efeito evocativo ocorre de maneira distinta em cada um dos processos:

> "Tais respostas podem aumentar momentaneamente de frequência (1) privando-se ainda mais o organismo de água, ou (2) mudando-se para uma situação em que elas foram mais frequentemente seguidas de pelo reforçador água (o efeito Sd). A distinção entre essas duas maneiras de evocar comportamento operante é a base para a sugestão de um novo termo que é o principal objetivo do presente artigo." (1982, p. 150; *tradução nossa*)[2].

Entretanto, a terminologia sugerida por Michael para o estudo da variável antecedente inicialmente denominada de estabelecedora sofreu alterações ao longo dos anos em que ele se dedicou ao seu estudo. No texto de Laraway et al. de 2003, "Operações motivadoras e termos para descrevê-las: alguns refinamentos" (*tradução nossa*)[3], são feitas tanto a distinção entre operações estabelecedoras e abolidoras, que são eventos ambientais que diminuem momentaneamente o valor reforçador/punidor de estímulos e a probabilidade de ocorrência de respostas que o produzem, quanto a proposta de se adotar o termo operações motivadoras para se referir globalmente às variáveis motivacionais. Os autores justificam sua proposta afirmando que:

> "alguns elementos da terminologia vigente sobre OE pode interferir nos esforços de analistas aplicados do comportamento para predizer, controlar, descrever, e compreender o comportamento. Um propósito do presente artigo é considerar como certos termos historicamente utilizados em discussões sobre OEs não descrevem precisamente os efeitos comportamentais de eventos motivadores." (p. 408; *tradução nossa*)[4].

---

[1] *Distinguishing between discriminative and motivational functions of stimuli*

[2] *Such responses can be made momentarily more frequent (1) by further depriving the organism of water, or (2) by changing to a situation where they have been more frequently followed by water reinforcement (the Sd effect). The distinction between these two ways to evoke operant behavior is the basis for the suggestion of a new term which is the main point of the present paper.*

[3] *Motivating operations and terms to describe them: some further refinements*

[4] *Some elements of current EO terminology may interfere with applied behavior analysts' efforts to predict, control, describe, and understand behavior. One purpose of the present paper is to consider how certain terms historically used in discussions of EOs do not precisely describe the behavioral effects of motivating events*

De acordo com essa nova terminologia, as operações motivadoras são eventos ambientais que afetam momentaneamente o comportamento de um indivíduo, produzindo dois efeitos: (1) alterador de valor do reforço ou punição, de origem filogenética ou ontogenética, que aumenta ou diminui o valor reforçador ou punidor de uma consequência e (2) alterador de comportamento, de origem ontogenética, que evoca ou abate respostas relacionadas a essa consequência que foram reforçadas no passado. O conceito engloba tanto operações estabelecedoras quanto abolidoras.

> "Portanto, analistas do comportamento deveriam considerar utilizar OA para se referir a qualquer evento que diminua a efetividade de uma determinada consequência, OE para se referir a qualquer evento que aumente a efetividade de uma determinada consequência, e OM como um termo abrangente que inclua tanto OAs quanto OEs." (Laraway et al., 2003, p. 409; *tradução nossa*)[5].

Um estado intenso de privação de água afeta momentaneamente o comportamento de um indivíduo, estabelecendo a água como um reforçador muito poderoso e evocando as respostas em seu repertório que obtiveram sucesso em sua produção. Alguém que passou oito horas dormindo, saiu de casa cedo sem tomar café da manhã, dirigiu-se à rodoviária para fazer uma longa viagem de ônibus até outro estado e se esqueceu de levar consigo uma garrafa de água, possivelmente chegará ao seu destino e pedirá por água, irá direto ao bebedouro, comprará uma garrafa de água em uma lanchonete, dentre outras opções oferecidas pelo ambiente. Se o dia estiver particularmente quente, outra operação com os mesmos efeitos (alterador de valor da água como reforço e alterador do comportamento de obter água) também entrará em vigor.

Como sugerido por Michael (1982), as operações motivadoras não são as únicas variáveis antecedentes a serem identificadas e analisadas no comportamento operante; é importante diferenciar as funções da operação estabelecedora e do estímulo discriminativo. Quanto a esse aspecto, é válido ressaltar que o estímulo discriminativo é a condição em que existe a oportunidade de emissão de uma resposta com grande chance de produção de reforço, visto que o indivíduo já passou por um treino discriminativo prévio com reforçamento diferencial – produção de reforço na presença do estímulo e não produção em sua ausência – que selecionou essa resposta diante dessa condição. Trata-se da disponibilidade diferencial do reforço. A operação motivadora se refere à efetividade diferencial da consequência, ou seja, é a alteração momentânea do seu valor que evoca respostas com grande chance de produzi-la.

[5] *Hence, behavior analysts should consider using AO to refer to any event that decreases the effectiveness of a given consequence, EO to refer to any event that increases the effectiveness of a given consequence, and MO as an omnibus term that subsumes both AOs and Eos.*

Michael (1982) consegue desenhar com maior clareza a distinção entre a operação motivadora e o estímulo discriminativo ao se permitir abrir mão da terminologia própria da análise do comportamento para descrever esses fenômenos: "Na linguagem do cotidiano, podemos distinguir e frequentemente distinguimos entre mudar o comportamento das pessoas mudando o que elas querem e mudar o comportamento das pessoas mudando suas oportunidades de obter algo que elas já querem" (p.154; *tradução nossa*)[6].

Para fins de ilustração desses conceitos, podemos tomar como exemplo a seguinte situação: alguém que teve uma grave lesão na perna e teve de ser afastada do ambiente de trabalho por um mês já terá uma restrição significativa das interações sociais durante esse período. Somem-se a isso as seguintes condições: a pessoa mora sozinha, não é próxima dos familiares, não está em um relacionamento afetivo e fez seus melhores amigos no trabalho. Essa pessoa está em um estado significativo de privação social, o que tornaria o contato social extremamente reforçador e evocaria respostas que possibilitariam sua produção, mas também se encontra em uma situação de restrição física, o que a impede de buscar novas formas de interação social fora dos limites de sua casa. Nesse caso, existe uma operação motivadora em vigor, mas não existe a presença de estimulação discriminativa que atue como oportunidade para a emissão de respostas que tenham sido reforçadas no passado.

Pode ser também que a situação oposta aconteça, ou seja, que não exista uma operação motivadora para que a estimulação discriminativa vigente evoque respostas que possam ser reforçadas. Uma vez curado de sua lesão e de volta à rotina normal de trabalho, o indivíduo do exemplo acima foi muito bem recebido pelos amigos da empresa, que fizeram diferentes comemorações durante toda sua primeira semana de regresso. Houve uma reunião de boas vindas, um almoço de equipe, um lanche da tarde com os chefes, uma confraternização após o expediente e uma festa na casa de um dos colegas, além de diversas visitas em sua mesa ao longo dos dias. Chegado o fim de semana, ele recebeu um convite para se juntar aos amigos em um bar, mas preferiu ficar em casa descansando. Existiu a possibilidade de emitir uma resposta que fosse reforçada, produzindo contato social, mas dessa vez já não existia mais a privação que tanto evocou essa resposta no momento anterior.

As operações motivadoras podem ser divididas em duas categorias: incondicionadas (OMI) e condicionadas (OMC). As incondicionadas, como o nome sugere, caracterizam-se pelo aspecto filogenético de seu efeito, ou seja, ao que é inato ao ser humano. Tal aspecto, entretanto, diz respeito apenas ao efeito alterador de valor da operação, uma vez que o efeito

[6] *In everyday language we can and often do distinguish between changing people's behavior by changing what they want and changing their behavior by changing their chances of getting something that they already want.*

de estabelecer ou abolir os reforçadores ou punidores é incondicionado, e não o comportamento que os produzem ou removem.

> "Dito de outra forma, nós provavelmente nascemos com a capacidade de termos nosso comportamento mais reforçado pela comida como resultado de privação de comida e mais reforçado pelo fim da dor como resultado de produção de dor, mas nós temos de aprender a maioria dos comportamentos que produzem comida e cessam a dor e são portanto tipicamente evocados por essas OEs." (Michael, 1993, p. 194; *tradução nossa*)[7].

Já as operações condicionadas se caracterizam pelo aspecto ontogenético, pelo que é parte constituinte do repertório comportamental exclusivo de cada indivíduo. Da mesma forma que nas operações incondicionadas, o comportamento que produz reforçadores ou remove punidores é aprendido, mas dessa vez os próprios reforçadores e punidores estabelecidos também são produto de uma relação comportamental aprendida e, portanto, são condicionados. "Não obstante, existem variáveis que alteram a efetividade reforçadora de outros eventos, mas apenas como resultado da história individual do organismo. Essas são as operações estabelecedoras aprendidas ou condicionadas (OECs)." (Michael, 1993, p. 198; *tradução nossa*)[8].

Os três tipos de OMC são substituta, reflexiva e transitiva. A OMC substituta surge de uma relação comportamental simples, em que há a correlação sistemática entre um evento ambiental, anteriormente neutro, e uma OMI ou OMC já existente. O novo evento passa, então, a adquirir função motivadora (alteradora de valor do reforço/punidor e alteradora de comportamento) e torna-se ele próprio uma operação motivadora.

Para uma criança que sente muita fome sempre por volta do mesmo horário, quando toca o sinal do recreio, a OMI que estabelece alimento como reforçador e evoca respostas que o produzam pode se relacionar sistematicamente com o som emitido pelo sinal. O som, que anteriormente era um evento neutro para a criança, pode se tornar uma OMC substituta com as mesmas características da OMI à qual está relacionada.

A OMC transitiva surge da mais complexa forma de relação comportamental dentre as três operações condicionadas. Ela está correlacionada à efetividade reforçadora ou punidora de um estímulo reforçador condicionado, que se tornará um estímulo discriminativo para uma nova relação. Há alteração na efetividade de um reforçador condicionado que funciona como

[7] *Said another way, we are probably born with the capacity for our behavior to be more reinforceable by food as a result of food deprivation and more reinforceable by pain cessation as a result of pain onset, but we have to learn most of the behavior that produces food and terminates pain and is thus typically evoked by these EOs.*

[8] *Nevertheless, there are variables that alter the reinforcing effectiveness of other events, but only as a result of the individual organism's history. These are learned or conditioned establishing operations (CEOs).*

estímulo discriminativo para uma resposta seguinte. Essa resposta produz o reforçador final relacionado ao estímulo discriminativo que, por sua vez, adquire sua função discriminativa para essa resposta quando é estabelecido como reforçador condicionado para a resposta que o produziu.

Para exemplificar, podemos pensar em uma pessoa que precisa se lembrar de tirar dinheiro no caixa eletrônico na hora do almoço para comprar o ingresso de um show que encerraria as vendas naquele dia. Ela programa um alarme em seu celular para a hora desejada, com o título "TIRAR DINHEIRO". O show, ilustrado no exemplo pelo alarme relacionado a ele, é uma OMC transitiva que estabelece o dinheiro como reforçador e possivelmente evocará a resposta de ir até o caixa eletrônico. A disponibilidade do reforço não está sendo questionada, uma vez que a pessoa teria como produzi-lo independentemente de querer comprar o ingresso. No entanto, é exatamente por querer comprar o ingresso que o dinheiro se torna estímulo discriminativo para uma nova relação e apenas na sua presença é possível produzir o reforçador final.

A OMC reflexiva recebe essa nomenclatura, pois seu efeito estabelecedor recai sobre si própria, ou seja, ela mesma se estabelece como reforçadora ou punidora e estabelece sua remoção como punidora ou reforçadora. A relação que a produz ocorre quando um evento ambiental se correlaciona sistematicamente (1) com um reforçador, estabelecendo-se como punidor caso seja removido e evocando respostas que já obtiveram sucesso em mantê-lo no passado, ou (2) com um punidor, estabelecendo-se como reforçador caso seja removido e evocando respostas que já obtiveram sucesso em removê-lo no passado.

Pode-se notar, de acordo com a segunda possibilidade de correlação, que qualquer estímulo aversivo condicionado se configura como uma OMC reflexiva. Dessa forma, a apresentação de um estímulo aversivo ou a retirada de um estímulo reforçador se configura como uma operação, que estabelece como reforço a eliminação da aversividade produzida por ela e evoca comportamentos que o fizeram no passado. Nesse caso, entra em vigor uma contingência de controle aversivo, e contingências de controle aversivo apresentam algumas especificidades descritas por Sidman (1989/2009). Ele aponta os dois principais efeitos produzidos em um indivíduo exposto a punição: a agressão e o contracontrole.

A agressão produzida por contingências de punição não é particular da espécie humana e leva o indivíduo punido a atacar objetos ou outros indivíduos, sendo ou não aqueles que os puniram. Isso acontece porque infligir dano ao outro se estabelece como um reforçador

e passam a ser evocados comportamentos que no passado foram bem sucedidos em produzi-lo.

> "Portanto, punição e privação levam a agressão. Mas coerção induz mais do que apenas o ato agressivo em si mesmo. Depois de ser punido, um sujeito fará qualquer coisa que possa para ter acesso a outro sujeito que ele possa então atacar." (Sidman, 1989/2009, p.221).

Nessas circunstâncias, pode-se imaginar uma criança que está brincando com seu brinquedo favorito na hora do intervalo da escola, quando seu colega passa correndo e derruba o brinquedo no chão, quebrando-o. O colega corria olhando para trás, não percebeu que esbarraria no brinquedo e que havia a possibilidade de quebrá-lo, e até voltou para pedir desculpas, mas a criança foi tão atingida pela perda de seu brinquedo favorito que nenhuma dessas variáveis teve efeito sobre seu comportamento. A criança, então, dá um soco no colega, que começa a gritar e chorar de dor. O soco não irá consertar o brinquedo ou voltar o tempo para que ela mude de lugar e saia da rota de corrida do colega, mas ele produziu dor no outro e a dor do outro é reforçadora para a criança que foi punida.

O contracontrole é uma forma de conseguir controlar o comportamento do controlador, que surge como o principal efeito de contingências de punição. Dito isso, é importante ressaltar que o controle comportamental não é um ponto a se questionar, pois ele sempre está em vigor, mas, como argumenta Sidman (1989/2009): "a questão de quem vai controlar permanece uma preocupação para todos, particularmente quando controle coercitivo predomina" (p. 228).

A mesma criança do exemplo anterior, que deu um soco no colega por ter quebrado seu brinquedo, pode ter passado a ser temida tanto por esse colega quanto pelos outros que também presenciaram a agressão. Ela agora ocupa uma posição de controle em sua sala de aula, que exerce de maneira coercitiva, levando todos a fazerem o que ela quer para evitar serem punidos. Um dia, ela vai roubar o lanche de um colega, mas desiste ao perceber que ele trouxe frutas e logo se dirige a outra pessoa. Esse colega costumava trazer bolachas ao invés de frutas, mas a criança sempre pegava suas bolachas e ele ficava sem comer nada. Entretanto, ele percebeu que os colegas que levavam frutas sempre tinham seus lanches poupados, então resolveu levar frutas e agora não tem mais seu lanche roubado.

Existem operações motivadoras que se referem a estados específicos de alteração do repertório comportamental de um indivíduo, as quais recebem o nome de operações emocionais. A afirmação de Skinner (1953/2003) a respeito da sobreposição entre eventos do campo motivacional e emocional se justifica pelo fato de que tanto a operação motivacional

quanto a operação emocional têm efeitos alteradores de valor reforçador/punidor de estímulos e evocador/ablativo de respostas, o que direciona a análise de emoções como operações motivacionais. Uma operação emocional é um conjunto de eventos que produzem mudanças no comportamento de um indivíduo, o que implica na alteração da sua predisposição de emissão de respostas e na alteração do valor reforçador de determinados estímulos. Isso significa que ele se torna muito propenso a emitir certas respostas, pouco propenso a emitir outras e que as respostas que têm sua probabilidade de emissão aumentada são aquelas que em seu histórico produziram com maior sucesso um determinado reforço – que teve seu valor aumentado. Respostas que não produzem esse reforço ou que são incompatíveis com aquelas que o produzem têm menor probabilidade de ocorrer. Além disso, outros estímulos reforçadores podem perder seu valor e as respostas que o produzem podem diminuir de frequência.

O que Skinner (1953/2003) chama de "emoção total" se caracteriza como a alteração global no repertório comportamental de um indivíduo. Essa alteração diz respeito aos âmbitos respondente e operante, público e privado, verbal e não-verbal, e a variação das respostas se deve a uma consequência em comum, o que compõe uma classe de respostas característica dessa emoção específica. "Definimos uma emoção, na medida em que se quer fazê-lo, como um estado particular de alta ou baixa frequência de uma ou mais respostas induzidas por qualquer uma dentre uma classe de operações" (p. 182). Dessa forma, as emoções não podem ser entendidas como causas do comportamento, como apenas estados internos ou como eventos de natureza abstrata, uma vez que nenhuma dessas considerações possibilitaria uma análise apropriada desse fenômeno.

Por exemplo, alguém que estava passando pela rua e foi abordado por um assaltante pode sentir os batimentos cardíacos acelerados, o suor exacerbado, a respiração ofegante e os pelos do corpo eriçados, ao mesmo tempo em que arregala os olhos e mantém a boca aberta, enquanto desvia o olhar do rosto do assaltante, protege o rosto com as mãos, reza para que nada de mal lhe aconteça e entrega tudo o que tem dentro da bolsa, conforme ordenado. Ao descrever a situação no dia seguinte para um amigo, não tem dúvidas em dizer que sentiu muito medo ao ser assaltado na rua.

Não caberia nessa situação a explicação de que o medo sentido por essa pessoa equivale aos batimentos cardíacos acelerados. Tampouco seria viável dizer que ela rezava porque sentia medo. Ainda não seria o suficiente atribuir às suas expressões faciais a definição de medo. Todas essas tentativas abordariam apenas uma parte do episódio total

descrito e ignorariam tantas outras parcelas importantíssimas a uma definição mais completa do que seria a emoção identificada no exemplo. Além disso, nenhuma delas traz qualquer tipo de relação com o assalto, principal evento ambiental que desencadeou todas essas respostas e que está diretamente atrelado à alteração observada no repertório do indivíduo.

Partindo do conceito de emoção total como alteração global no repertório comportamental de um indivíduo, pode-se dizer que a emoção assim descrita pela pessoa do exemplo como medo é o efeito total – batimentos cardíacos acelerados, suor exacerbado, respiração ofegante, pelos do corpo eriçados, olhos arregalados, boca aberta, desviar o olhar do rosto do assaltante, proteger o rosto com as mãos, rezar para que nada de mal lhe aconteça e entregar tudo o que tem dentro da bolsa – causado em seu repertório pela abordagem do assaltante. E todos esses efeitos, que ocorrem simultaneamente, não são causa de uma emoção: eles são a própria emoção.

1.1 Justificativa

Para que se possa discutir a postura da análise do comportamento no manejo das emoções é preciso, antes de qualquer coisa, entender sua construção acerca desse conceito e suas implicações práticas. Uma análise do comportamento que se propõe a definir e analisar fenômenos tão complexos quanto os do campo emocional só conseguirá fazê-lo enquanto se propuser a compreender de modo global os diversos aspectos do episódio emocional. Da mesma forma, um analista do comportamento que se propõe a levar sua prática ao âmbito da clínica só conseguirá fazê-lo com tanta precisão quanto for possível a partir dessa mesma compreensão global dos diversos aspectos do episódio emocional.

Barbosa e Marques (2012) discutem a posição de destaque que as respostas emocionais ocupam na clínica analítico-comportamental. Eles reforçam a concepção de que esses eventos não são essencialmente distintos de nenhum outro tipo de comportamento, mas entendem que sua ocorrência é motivo de particular atenção no trato clínico:

> "O relato de queixas e problemas em um atendimento psicoterápico frequentemente faz referências a emoções e sentimentos. Embora esses eventos tenham a mesma natureza de outras respostas presentes no repertório humano, diferenciando-se apenas em relação à acessibilidade, sua valorização social e seu caráter privado podem resultar em uma percepção de estados emocionais como eventos particularmente importantes." (p.178).

Os autores também apontam a importância do preparo do analista do comportamento para lidar com tais eventos, buscando garantir a elaboração de uma intervenção que atinja de maneira global as diferentes relações envolvidas no episódio emocional:

> "Para que o clínico não se limite a uma intervenção restrita frente às possíveis funções desempenhadas pelas respostas emocionais apresentadas pelo cliente, é preciso ampliar a análise daqueles eventos, procurando identificar os componentes respondentes e operantes verbais e não verbais do comportamento emocional, e entender como esses componentes se relacionam entre si e com o ambiente." (p. 181).

As discussões sobre a complexidade do episódio emocional e a eficiência da formação do analista do comportamento para manejá-lo são a base para o desenvolvimento do presente trabalho. O constante exercício de analisar fenômenos comportamentais para além dos princípios básicos observados em laboratório e de extrapolar conceitos teóricos para a prática é necessário para que a clínica analítico-comportamental se sustente e, ainda mais, se aperfeiçoe.

É essencial retornar aos modelos científicos e refinar o conhecimento acerca dos princípios básicos do comportamento para que se tenha uma compreensão mais completa sobre os fenômenos humanos complexos, mas não é possível se restringir a essa etapa quando a finalidade é a prática clínica. O comportamento verbal científico também deve contemplar os analistas do comportamento em seus consultórios, o que justifica o desenvolvimento de trabalhos que se ocupem de descrever em termos de uma análise prática os princípios, atentando-se sempre à precisão dessa descrição, de modo que seja efetivamente realizada a transposição desses princípios para a prática. É visando esses fins que se dá a proposta do presente trabalho.

1.2 Objetivo

O trabalho se propõe a analisar funcionalmente algumas interações representadas pelas personagens do filme "Três anúncios para um crime", à luz dos conceitos da análise do comportamento que se referem ao campo das emoções e, consequentemente, da motivação. Esses conceitos já foram descritos na introdução, mas suas descrições serão retomadas sempre que pertinente, buscando garantir a aderência entre as análises feitas ao longo do procedimento e a teoria utilizada para embasá-las.

1.3 Método

O método utilizado para o desenvolvimento do trabalho consistiu nas seguintes etapas: (1) seleção do filme "Três anúncios para um crime"; (2) seleção do número de cenas a serem analisadas; (3) seleção dos critérios que definiram as cenas a serem analisadas; (4) seleção das cenas que se encaixavam nesses critérios; (5) seleção dos diálogos ou da sequência de acontecimentos representados em cada cena a serem analisados; (6) transcrição dos diálogos ou descrição da sequência de acontecimentos representados em cada cena a serem analisados; (7) análise funcional dos trechos selecionados; (8) discussão acerca dos resultados encontrados na análise funcional.

1.3.1 Material

Os materiais utilizados para a elaboração do trabalho foram o DVD do filme "Três anúncios para um crime", para que se tivesse acesso ao audiovisual do longa-metragem, e um computador, para que fosse possível realizar toda a redação das etapas introdutórias e analíticas do trabalho e a transcrição das cenas do filme.

1.3.2 Critérios de seleção das cenas

A primeira fase para a construção desse tópico foi a seleção do número de cenas a serem utilizadas: quatro. Tal número se justifica pela proposta de filtrar a quantidade de eventos aos quais atentar para que fosse pertinente, dentro do prazo definido para a conclusão desse trabalho, desenvolver uma análise tão completa quanto possível, abarcando todos os elementos cruciais às interações representadas. Além de realizar esse exercício com cada cena individualmente, também foi considerada relevante uma comparação entre o conteúdo proveniente de todas as análises, com o objetivo de fazer uma avaliação mais global dos repertórios comportamentais observados, o que só poderia acontecer com certa limitação de aspectos a serem comparados. Portanto, optou-se por um número de cenas reduzido para que fosse viável estender-se nos procedimentos de análise e comparação.

A segunda fase foi a seleção dos critérios que deveriam compor as quatro cenas que seguiriam para análise. Foi estabelecido que essas cenas devessem seguir as seguintes condições: (1) presença da protagonista, Mildred Hayes; (2) presença de algum comportamento da protagonista (relato de comportamento ou o próprio comportamento) que seja contingente a eventos aversivos agindo como operações motivadoras e, portanto,

estabeleça o dano ao outro como reforço; (3) possibilidade de identificar respostas emocionais da protagonista ou de outras personagens em interação com ela na cena (relato de comportamento ou o próprio comportamento) que não necessariamente foram geradas em contingências de controle aversivo, ou seja, respostas produzidas por outras operações emocionais.

Os critérios utilizados em ambas a fases foram pensados tomando como base o propósito do trabalho de analisar as relações comportamentais envolvendo operações emocionais presentes no filme da maneira mais abrangente possível, levando-se em consideração os elementos fundamentais constituintes das contingências identificadas. É importante ressaltar que a opção por analisar eventos aversivos como operações motivadoras, descrita no item (2) da segunda fase, se deve ao fato da frequência com que esse tipo de operação controlando o comportamento da personagem aparece no filme. Excluindo-se o foco dessas operações, possivelmente também se excluiriam interações comportamentais muito relevantes à análise e à compreensão de seu repertório.

1.3.3 Procedimentos de coleta e análise

O procedimento de coleta das informações consistiu em assistir ao filme completo duas vezes – a primeira vez para selecioná-lo como fonte de elementos de análise e a segunda vez para selecionar as cenas a serem analisadas – e assistir às cenas selecionadas X vezes cada – para transcrever os diálogos ou descrever a sequência dos acontecimentos representados.

A partir das informações levantadas no procedimento de coleta, foi possível construir tabelas de análise funcional, separando os eventos observados em contingências e estabelecendo relações entre os elementos antecedentes, as respostas e as consequências, conforme a proposta do trabalho.

1.4 Previsão de análise

Partindo dos conceitos abordados na introdução, pretende-se analisar operações emocionais que produzem alteração comportamental na protagonista do filme e as respostas envolvidas em cada uma delas. As tabelas de análise funcional serão desenvolvidas de acordo com os elementos fundamentais identificados nessas alterações, mantendo-se o foco nas operações motivadoras, nos estímulos por elas estabelecidos como reforçadores ou punidores e nas respostas por elas evocadas, além das outras respostas da personagem possivelmente afetadas pelas operações emocionais.

Também será analisado o impacto que o comportamento da protagonista, afetado pelas operações emocionais, tem nas outras personagens com quem se relaciona. Espera-se identificar principalmente as ocasiões em que eventos aversivos agindo como operações motivadoras estabelecem o dano ao outro como reforçador para ela, avaliando os efeitos dessa relação no comportamento alheio.

Tal delineamento de análise decorre das situações aversivas vivenciadas pela protagonista – relacionamento abusivo com ex-marido, brigas constantes com os filhos, estupro e morte da filha – e da maneira como ela parece sempre agir de modo agressivo com as pessoas ao seu redor, mesmo quando não demonstraram nenhuma aversividade em seu comportamento que fosse direcionada a ela. Assim, pode-se presumir que outros eventos aversivos estejam controlando seu comportamento com certa frequência, fazendo com que a identificação desse controle aversivo se torne um dos elementos centrais da análise.

Em última instância, busca-se traçar o panorama mais completo possível acerca do repertório comportamental da protagonista no que diz respeito a suas respostas emocionais, identificando os eventos que causam alterações globais em seu comportamento e descrevendo tanto a maneira como esses eventos alteram seu repertório quanto as alterações em si. Também serão descritas as interações entre ela e outras personagens durante esses episódios, com ênfase nas alterações comportamentais que seu próprio comportamento causa em outras pessoas quando existem operações emocionais em vigor.

Referências

Barbosa, J. I. C. & Marques, N. S. (2012). O trabalho com relatos de emoções e sentimentos na clinica analítico-comportamental. In N. B. Borges & F. A. Cassas (Orgs.), *Clínica analítico-comportamental: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 178-185). Porto Alegre, RS: Artmed.

Laraway, S., Snycerski, S., Michael, J., & Poling, A. (2003). Motivating operations and terms to describe them: Some further refinements. *Journal of Applied Behavior Analysis*. *36*(3), 407-413.

Matos, M. A. (1999). Com o que o Behaviorismo Radical trabalha?. In R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (2a ed., pp. 45-53). Santo André, SP: ARBytes.

Michael, J. (1982). Distinguishing between discriminative and motivational functions of stimuli. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, *37*(1), 149-155.

Michael, J. (1993). Establishing Operations. *The Behavior Analyst*, *16*(2), 191-206.

Sério, T. M. A. P. (1999). Por que sou behaviorista radical?. In R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista* (2a ed., pp. 68-75). Santo André, SP: ARBytes.

Sidman, M. (2009). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sério, Trad.). Campinas, SP: Livro Pleno. (Obra original publicada em 1989)

Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (11a ed.) (J. C. Todorov & R. Azzi, Trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1953)

Skinner, B. F. (2010). *Sobre o behaviorismo* (12a ed.) (M. P. Villalobos, Trad.). São Paulo, SP: Cultrix. (Obra original publicada em 1974)

Apêndice A – Resumo do filme

O filme “Três anúncios para um crime” (do original “Three billboards outside Ebbing, Missouri”) tem como pano de fundo a pacata e fictícia cidade de Ebbing, situada no interior do estado de Missouri, nos Estados Unidos. É uma comunidade pequena e de hábitos antigos, onde todos se conhecem e levam suas vidas conforme uma rotina que não costuma sofrer grandes perturbações. O desenrolar da história, entretanto, surge a partir da maior perturbação já sofrida pela personagem principal, Mildred Hayes, que teve sua filha adolescente, Angela Hayes, estuprada e assassinada.

Sete meses após o trágico ocorrido e o início das investigações, a polícia local ainda não tinha nenhuma pista que pudesse conduzir o crime a um desfecho, ou pelo menos aproximá-los de um suspeito, e Mildred não estava nem um pouco satisfeita com esse cenário. Da mesma forma, não estava conseguindo lidar com os sentimentos e as situações que foram surgindo como consequências da morte da filha, o que não se tornava mais fácil quando julgava não ter o respaldo adequado das autoridades, únicos responsáveis por qualquer movimentação que pudesse levar o fato a uma solução até então.

Foi então que Mildred decidiu tomar uma atitude que demonstrava seu descontentamento e apontava o xerife da cidade, Bill Willoughby, como principal responsável pelo descaso com a morte de sua filha. Ela alugou três outdoors em uma estrada que servia como acesso a Ebbing e publicou uma frase em cada um: “Estuprada enquanto morria” (“Raped while dying”), “E nenhuma prisão ainda?” (“And still no arrests?”) e “Por que, xerife Willoughby?” (“How come, chief Willoughby?”). A partir de então, não é somente o caso de Angela que se coloca em evidência na cidade, mas também a opinião da população sobre os outdoors e a maneira como Mildred passa a direcionar sua busca por respostas.

Além de afrontar as autoridades e tentar se proteger da represália sofrida por parte dos outros moradores da cidade, Mildred tem de conviver com seu outro filho adolescente, Robbie Hayes. Ele está com dificuldades para acompanhar o caminho percorrido pela mãe na busca por respostas à tragédia ocorrida com Angela, sendo hostilizado pelos colegas de escola por causa do comportamento dela, ao mesmo tempo em que não consegue contar com seu amparo ao lidar com o sofrimento ocasionado pela perda da irmã.

Dentre tantos desafetos na vida de Mildred, James é alguém que está disposto a desenvolver um relacionamento diferente com ela. Morador de Ebbing, ele tenta demonstrar carinho e cuidado, mas não há nenhuma reciprocidade por parte dela. Ele toma seu partido em discussões, mente para a polícia para encobri-la de um atentado que ela cometeu e até a

convida para um encontro, mas nenhuma dessas iniciativas o impede de ser maltratado por ela. Parece que o amor oferecido por outra pessoa não tem valor algum para Mildred enquanto ela estiver focada apenas em vingar a morte de sua filha.

Os únicos momentos em que ela demonstra alguma empatia são em relação ao xerife Willouhgby, que está acometido por um câncer terminal e tem seu estado de saúde cada vez mais fragilizado. Ela interrompe uma discussão com o xerife quando ele começa a tossir sangue e muda completamente de atitude, passando da costumeira posição de ataque a um modo de cuidado e preocupação até então sequer esboçado. Parece que, nesse momento, a condição do xerife ganha mais força do que o estado de negligência em que ela acredita se encontrar a investigação do assassinato de sua filha, o que causa uma mudança em suas prioridades e a faz se importar mais em acolher do que em insultar o xerife.

Willoughby, por sua vez, trava uma silenciosa batalha contra seu câncer, já que não compartilha com a família ou com os colegas o que está sentindo, tanto física quanto emocionalmente. Ele não está disposto a ser um fardo para a esposa, a torná-la responsável por ele e pelas duas filhas, a fazê-la sofrer com o avanço de sua doença. Ele também não está disposto a passar por todo o processo de deterioração de suas funções enquanto definha até a morte. Assim, o xerife elabora passo a passo o plano que só terá fim com o fim de sua própria vida, sem contar a ninguém o que está prestes a fazer e deixando três cartas póstumas explicando suas motivações à esposa, a Dixon e a Mildred.

Um fator importante que parece ter muita influência no modo como Mildred vem se comportando diante de toda a situação é a relação que tinha com a filha, mais especificamente a interação que elas tiveram no dia de sua morte. Angela parecia não aceitar muito bem ser contrariada pela mãe, que também não recebia muito bem as indignações da filha, o que gerava muitos conflitos entre elas. No dia em que Angela foi assassinada, elas tiveram uma discussão bastante agressiva e Mildred chegou a dizer que esperava que a filha fosse estuprada enquanto seguia pela estrada sozinha, o que de fato aconteceu. É grande a culpa que ela parece carregar por conta dessas palavras, o que pode transparecer pela intensidade com que ela se dedica ao fechamento do caso e aos meios dos quais ela se utiliza para tal.

Dentre as autoridades pressionadas por Mildred para trabalhar com maior dedicação no caso de Angela está o policial Jason Dixon, um homem com histórico de racismo e pouca capacidade de resolver suas dificuldades na base da argumentação, usando a violência como ferramenta de trabalho. O xerife Willoughby consegue evitar o descontrole de Dixon na maior parte do tempo, tomando a frente nas situações de embate e sempre tentando mostrar como

resolver conflitos de outras formas que não sejam usando a força. Entretanto, o policial não consegue se conter quando não tem o xerife por perto, o que culmina em diversos momentos muito doloridos para os alvos de seus ataques.

Ao final do enredo, contudo, é o próprio Dixon quem se aproxima de um suspeito para o caso de Angela após ouvi-lo contar sobre um possível estupro que cometeu na cidade recentemente, e se utiliza novamente da violência para conseguir evidências físicas que pudessem comprovar sua culpa. Ele compartilha sua descoberta com Mildred, que mesmo diante da possibilidade de solução para a maior frustração de sua vida, não parece sentir alívio. Mesmo ao confirmarem a inocência do suspeito, mas tendo ciência de que ele poderia ser o autor de outro crime, Mildred e Dixon seguem em uma jornada sem final definido para fazer justiça com as próprias mãos, ainda que não seja por Angela.